

1882-2012
130 ANOS DO
NASCIMENTO

ANTÔNIO DOS SANTOS GRAÇA

Biblioteca
Municipal
Rocha
Peixoto



A Biblioteca Municipal assinala os 130 anos do nascimento de António dos Santos Graça, entre 16 de Janeiro e 16 de Novembro, através de iniciativas culturais e pedagógicas, nomeadamente um ciclo de mostras documentais que visam dar a conhecer as múltiplas facetas da vida e da obra deste poveiro ilustre.

Esta primeira mostra, apresentada no dia do nascimento de Santos Graça, trata das suas origens, infância e juventude, através de textos que evocam memórias fixadas pelo próprio nos seus escritos e de documentos, fotografias e recortes de imprensa provenientes do espólio de Santos Graça e do fundo da Biblioteca Municipal.

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Origens e infância

BERÇO POVEIRO COM MAR AO FUNDO

João Francisco Marques

Nascido, a 16 de Janeiro de 1882, e falecido, a 7 de Setembro de 1956, na Póvoa de Varzim, cujos valores a acautelar punha acima de interesses pessoais e partidários, sempre que o proveito comunitário falava mais alto, Santos Graça deixou de permeio uma existência de exemplar dedicação à causa pública e à terra que estremecia. Na altura em que nasceu, na casa da família, número 91 da rua do Carvalhido, actual Elias Garcia, de esquina para a António Graça, conhecida pela rua do Norte, a Póvoa era um burgo marítimo ainda marcadamente piscatório, mas já com a praia de banhos mais frequentada de Entre Douro e Minho, como hoje acontece. A população do centro urbano computava-se em 11.159 habitantes, entregando-se a maioria dos homens válidos às fainas da pesca, para o que dispunha de assaz provido número de barcos, talvez centenas, entre lanchas do alto, batéis e catraias, que sulcavam os mares litorais da Galiza à Figueira, gente bem conhecida nos portos desta faixa costeira, onde por vezes se acolhiam para abrigo e venda de peixe. O pai, João dos Santos Constantino (1851-1906), pescador do bairro do Ramalhão e banheiro, que dos seus progenitores herdara o nome de Constantino e, por alcunha, o «Amarelo», apelido que o bisavô usava. A mãe, Maria Francisca (1854-1935), a «Tia Marucas», epíteto por que era conhecida, proveniente talvez do piropo de algum galanteador, estranho à classe, que assim se lembrara de crismar uma bonita pescadeira. O baptismo recebeu-o, três dias depois do nascimento, na Igreja Matriz da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no momento, a única da vila. Para padrinho escolheram-lhe o Dr. António Duarte Baptista Graça (1851-1902), a que chamavam «o doutor Santana», médico-cirurgião vilacondense, com consultório na rua de S. Bento e assistência não muito regular no Hospital da Misericórdia da localidade. Quaisquer que fossem as relações pessoais da família para esta escolha e a da madrinha, Rita Moreira de Castro, rica proprietária de uma freguesia do concelho de Vila do Conde, o certo é ter Santos Graça recebido do padrinho o apelido «Graça», que passou a integrar o seu nome completo. Não há unanimidade na defesa de semelhante tradição na comunidade piscatória poveira que teria o mérito de aproveitar a importância social do padrinho em benefício do afilhado, o qual poderia assim ser encaminhado para uma profissão diversa da de pescador.

A infância passou-a Santos Graça entre a praia da enseada e a de banhos, contígua e extensa, à sombra protectora da profissão paterna. De «convívio jovial e alegre», escreve Cândido Landolt, o banheiro, «a falar verdade, é o tipo mais simpático da Póvoa». A numerosa afluência dos meses de veraneio faz subir bastante sensivelmente o comércio, ao menos na zona norte. Razão para o autor do *Folk-Lore Varzino* acentuar: «O merceeiro, o padeiro, o tendeiro, tudo, enfim, que tem negócio, agarra-se ao banheiro para recomendar aos seus banhistas o mais barato, o mais gostoso, o melhor». Na época balnear, continua Landolt, as veraneantes «pelam-se pelo convívio dos banheiros», confidentes e coniventes das «travessuras» das meninas namoradeiras, a pon-

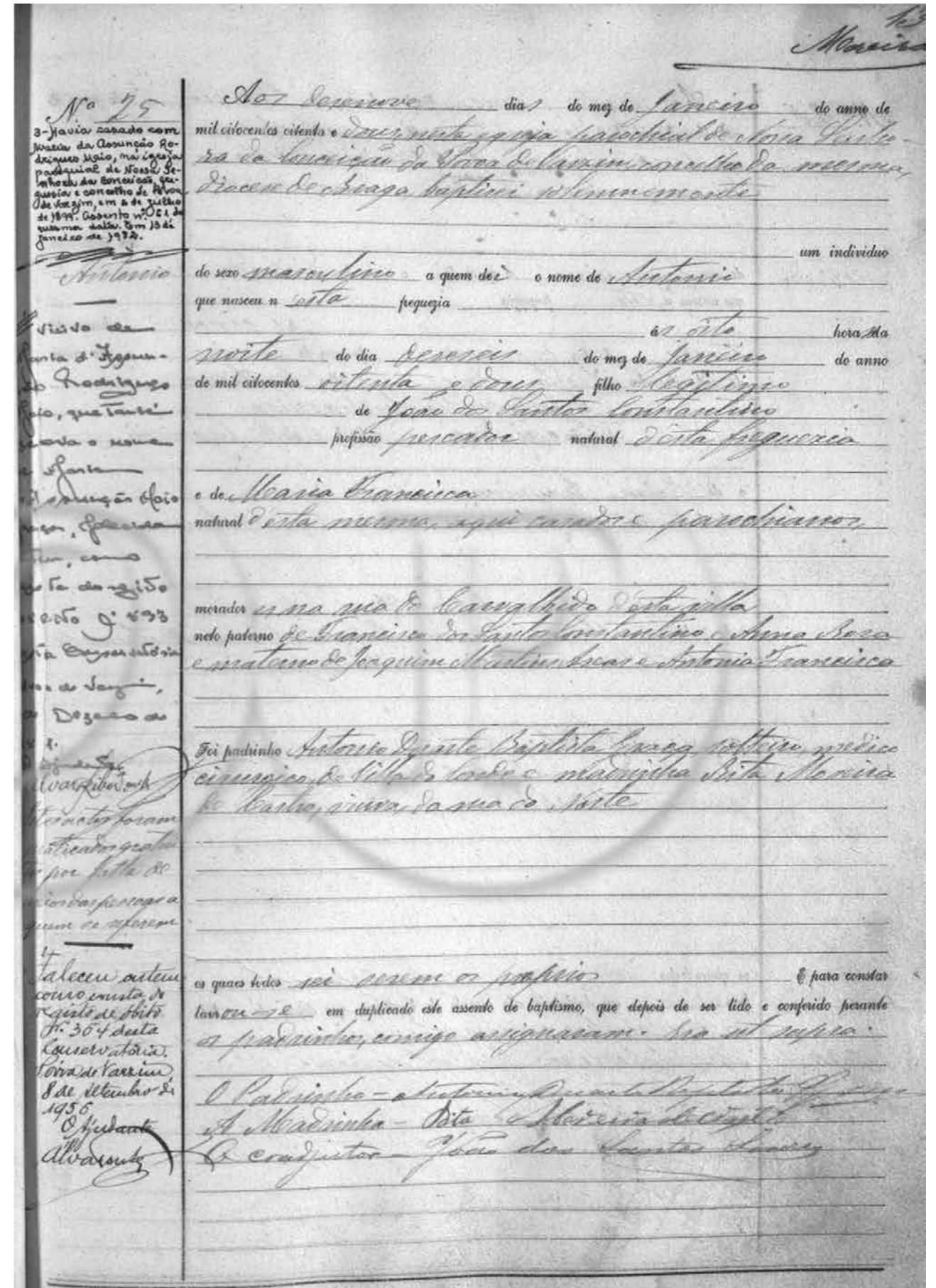
to de terem «por luxo, receber, às tardes, o banheiro, e brindá-los com docinhos e copinhos da pinguinha que trouxeram da terra». Para este círculo de sociabilidade familiar eram arrastados os filhos dos banheiros que se ligavam aos rebentos da mesma idade daquela gente de «teres e haveres». Em incursão memorialista, narra Santos Graça: «Eu nadava como um peixe e esse facto elevava-me perante os meus novos amiguinhos que na hora do banho (noutros tempos tomavam banho) tinha-me [meu pai] ao lado a ensiná-los. No fim, está claro, ia compartilhar com eles as iguarias que levavam para comer e, por vezes, lá vinha um *vintém!*».

Nessa idade dos oito anos, confessa ser o mais feliz dos seus companheiros: «Filhos de pescadores, a nossa «força» eram coisas do mar; - pescar nos penedos, andar nas maceiras com estralhos às maragotas e sarrões, percorrer o Esteiro com redes de mujos (pequenas tainhas e robalos)».

As primeiras letras recebeu-as de um mestre da terra e, talvez pelo apoio do padrinho, tirou, numa escola do Porto, um curso de escrita comercial no estilo dos que, na Escola Raul Dória, se ministravam. Comparado com o que, então, esperava a maioria das crianças, a sorte favoreceu-o. Estava ditado que o seu destino não seria o de pescador. Falando sobre o Portugal iletrado que bem conhecia, Ramalho Ortigão apontava para a existência, ao tempo, «dos setenta por cento de analfabetos, não incluindo os cachopos de mama e a garotada até aos sete anos». No trabalho entrou, adolescente, como marçano na loja de fazendas «Bazar da Póvoa», à Praça do Almada, de António Casanova, de alcunha o «Fede-em-vida» que de seu irmão José a havia recebido. O estabelecimento ficava a partir da esquina das *Alminhas* do Carloto, na corrente das casas da Praça do Almada, onde está instalada a actual agência do Montepio Geral, sendo o antepenúltimo edifício ao chegar à estrada nacional. [...]

O actuante dinamismo, a inteligência prática, a férrea vontade, o humanismo solidário deste autodidacta vindo do nada, que terá sido a personalidade poveira mais marcante da primeira metade do século XX, acompanharam-no com uma intensidade surpreendente ao longo de uma vida, a que a morte pôs, aos setenta e quatro anos, repentinamente termo. A sua caligrafia, de cursivo inclinado, miúdo e regular, proporciona um desenho de clara e correntia leitura. Firmeza, determinação e segurança no itinerário abraçado são qualidades que marcam o homem de acção, para que foi singularmente dotado. Não deixou Santos Graça um diário e abundante correspondência conhecida, nem sequer pormenorizadas confissões memorialistas, mas, na série extensíssima de artigos publicados na imprensa local, há informações interessantes, que constituem preciosas achegas para a sua biografia que, aliás, corre em sintonia com as lutas, vicissitudes e anseios da história da sua terra e do seu tempo.

in António dos Santos Graça (1882-1956): Coração Poveiro. Separata do *Póvoa de Varzim Boletim Cultural*. Vol. XXXVIII (2003), p. 6-9.



registo de nascimento de António dos Santos Graça. Reprod. do *Livro de Registos*, n.º 25, folha 13. Arquivo Distrital do Porto.

Árvore genealógica

ANTEPASSADOS DE SANTOS GRAÇA (ÁRVORE GENEALÓGICA DE NOVE GERAÇÕES)

Oscar José Lima Fanguero

Tendo-me o meu amigo Dr. Flávio Gonçalves convidado para efectuar a “árvore de costados” de António dos Santos Graça, aceitei tal incumbência, dada a importância do grande poveiro no estudo e descrição dos usos e costumes dos seus (e alguns também meus) Avós.

Para executar este trabalho foi necessário consultar os livros de registos paroquiais – existentes em arquivos oficiais da Póvoa de Varzim e do Porto – durante vários meses, a fim de reconstituir o traçado ascendente até à 9ª geração, que recua, no tempo, ao final do séc. XVII.

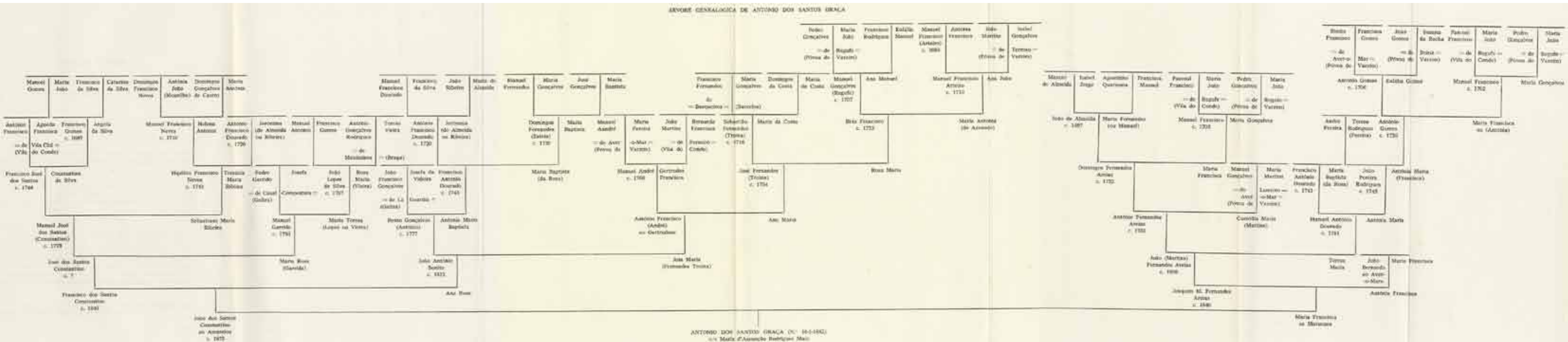
A investigação genealógica circunscreveu-se aos antepassados que viveram na Póvoa de Varzim e que nesta localidade

formaram família, para que possamos conhecer melhor a sua evolução.

[...]

Na organização da «árvore de costados» de Santos Graça seguimos o sistema germânico, numerando todos os indivíduos nela incluídos – de modo que, para achar a filiação de cada um, se multiplica o número deste por dois (indicando assim o pai) e depois somando mais um (obtendo o nome da mãe).

em Antepassados de Santos Graça (Árvore genealógica de nove gerações). *Póvoa de Varzim Boletim Cultural*. Vol. XXI, n.º 2 (1982), p. 177 e 181.



João dos Santos Constantino, «o Amarelo» (1851-1906), pai de António dos Santos Graça. Publicada no *Póvoa de Varzim Boletim Cultural* Vol. XXI, n.º 2 (1982), p. 183.



Maria Francisca, «a Marucas» (1854-1935), mãe de António dos Santos Graça. Espólio Santos Graça (Biblioteca Municipal Rocha Peixoto).

Juventude

UMA ABORDAGEM SOBRE O «ESTATUTO DA MATURIDADE» NA VIDA E NA OBRA DE SANTOS GRAÇA 1882-1956

Manuel Lopes

Diante de um homem que marcou a sua época desdobrando-se em múltiplas e bem sucedidas actividades e intervindo nas áreas mais diversas da vida pública – comércio, indústria, pesca, jornalismo, literatura, investigação antropológica e etnográfica, política, parlamentarismo e administração local – é natural interrogarmo-nos acerca do modo como viveu a sua infância e a sua juventude. E, sobretudo, como e quando lhe foi conferido o estatuto da maturidade. [...]

A *infância* e breve *juventude* de Santos Graça coincide com as duas últimas décadas do século XIX, período gerador de problemas de crescimento e mudança no tecido urbano em função do desenvolvimento e da consolidação da Póvoa como *estação balnear marítima* de grandes dimensões.

Por outro lado, coexiste uma agricultura pobre, assente em solos irregularmente aproveitados e uma indústria de pesca submetida e condicionada ao espectro fatalista de crises económicas irremediavelmente cíclicas.

[...]

É comum, hoje, ouvir-se da boca dos mais velhos – Um homem dantes fazia-se cedo. A maturidade social estimulava a maturidade física. Ou melhor: ambas se desenvolviam numa interacção nem sempre harmoniosa ou saudável.

Santos Graça fez-se homem depressa, assumindo, precocemente, as obrigações, o comportamento e as responsabilidades inerentes ao estatuto da vida adulta. O vocábulo *juventude*, utilizado para designar o tempo que medeia entre a adolescência e a idade varonil revestia-se, então, de um sentido poético e literário.

No uso corrente ganhava força a palavra *mocidade*: apropriada ao estado físico e mental de uma juventude que ia dos 14 aos 24 anos. A «mocidade é aparelhada a alvoroços e a cousas que tem tão comprida conta que lhe não posso dar soma» (D. Joana da Gama, 1555). A Santos Graça agradava-lhe evocar os verdores juvenis designando-os por: rapaziadas do meu tempo.

Tempo em que se fez homem. Infância curta mas feliz. Tão impressiva que sempre recorrerá a ela como linfa clara onde saciará a sua memória trazendo-a para uma grande parte dos livros que escreveu.

A sua infância palpita nas páginas de «O Poveiro» (1932), surge inteira na Comunicação que levou ao 1.º Congresso de Etnografia e Folclores realizado em Braga em 1956 – A Criança Poveira. Superstições, Cautelas e Remédios – bem conseguida simbiose entre um estudo de etnografia e um registo memorial. Já antes tinha versado esta temática em «A Canção do Berço» (1945) e «Psicologia da Mãe Poveira» (1945). [...]

Cedo começou a trabalhar como marçano numa loja de panos e fazendas. Casa-se aos 17 anos com uma mulher de «tronco», escolhida no seio da classe. A experiência confere-lhe a autoridade com que escreveu o seu primeiro trabalho etnográfico sério – Notas para o Poveiro. O Casamento –, que Leonardo Coimbra

hospitaliramente albergou em «A Águia», Órgão da Renascença Portuguesa.

«O poveiro casa-se novo, entre os 18 e os 22 anos, e daí o começar bem cedo a namoriscar as belas raparigas da classe» (A. Santos Graça, 1913). Santos Graça aborda, com singular, e pouco usual, intuição antropológica e sociológica, as características do meio familiar e social da colmeia piscatória, os ritos de iniciação à idade adulta, os rituais da nupcialidade e os mecanismos de previdência empírica dominantes na classe piscatória poveira.

Santos Graça recorre às suas próprias vivências, nas quais se gravou indelevelmente o modo como atingiu o seu próprio «estatuto de maturidade». Na emancipação gerada pelo trabalho - «o que é certo é que, de uma forma ou de outra, o poveiro não se pode casar sem que primeiro consiga adquirir o pecúlio bastante para conseguir comprar as redes exigidas para o trabalho» (A. Santos Graça, 1913) – e na criação das bases económicas da futura independência familiar - «é por isso que os noivos, do consentimento em diante, se coadjuvam mutuamente no conseguimento dos novos bens. Assim, enquanto que ele no mar se esforça para que o «seu quarto» lhe dê o maior rendimento, ela, em terra, vai alisando o linho, fiando-o, torcendo-o, para assim mais facilmente se cumprir o preceito da classe». (A. Santos Graça, 1913).

[...]

Hoje, o progresso técnico e económico contribui para libertar «um número crescente de jovens, durante um número crescente de anos, da obrigação de trabalharem» (A. Sedas Nunes, 1969).

Não era assim no tempo de Santos Graça. Integrado muito cedo no mundo do trabalho, só em plena vida adulta obteve o diploma da 4.ª Classe tendo mais tarde, à sua custa, frequentado o Curso de Contabilidade e Escrituração Comercial na Escola Raul Doria.

Uma das questões que dominam na teoria e na prática o ideário da *República*, é a INSTRUÇÃO. Republicanos de vários matizes obtêm consenso à volta da ideia de que a escolaridade conduz à liberdade. O caminho desta passa pela sementeira do ensino e da educação.

O último *Censo da Monarquia* (1900), diz-nos que na Póvoa (27.743 hab. – 10.612 H. / 13.131 M.) o número de analfabetos era de 6.461 homens e 11.091 mulheres, respectivamente 61 e 84%.

Santos Graça, filho de pescadores e banheiros, sentia na carne e na memória familiar a gravidade deste problema. Foi uma das batalhas na imprensa local.

Fica aqui, em linhas gerais, esta abordagem do «Estatuto da Maturidade» na Vida e na Obra de Santos Graça. Tema, a meu ver, merecedor de uma reflexão mais demorada e profunda. Fica para outra vez.

in *O Comércio da Póvoa de Varzim*, Ano 91, Nº. 7 (18 Fev. 1993), p. 1, 8 e 13.

Memórias de Santos Graça

COISA RUIM

S. G.

Eu teria os meus 8 anos. Era, com certeza, o mais feliz dos meus companheiros. Meu pai, banheiro, dava-me a amizade dos filhos, pelo menos, dos seus banhistas, gente de teres. Eu nadava como um peixe e esse facto elevava-me perante os meus novos amiguinhos que na hora do banho (noutros tempos todos tomavam banho) tinham-me ao lado a ensiná-los. No fim está claro, ia partilhar com ele das iguarias que levavam para comer e, por vezes, lá vinha um vintém! [...]

Filhos de pescadores, a nossa «força» eram coisas do mar: – pescar nos penedos, andar nas maceiras com estralhos às maragotas e sarrões, percorrer o Esteiro com redes de mujos (pequenas tainhas e robalos). [...]

Do meu grupo faziam parte o José Rajado, António da Rosa, Elias Sérgio, Manuel Liqueiro, Elias Cobião, José Fomenegra, Manuel Ceguinho, Manuel Prisão e o então muito garotoço, mais velho que nós, há meses falecido, o meu saudoso amigo José Neta [...]

Eu fui criado numa terrífica atmosfera de superstições. Era crendice bem assente entre os meus e bem notada por mim, que debaixo da Ponte andava coisa ruim e se acoitavam bruxas. Citavam-se casos de real certeza. [...]

Dois anos depois fui para o comércio e, três anos mais tarde, a minha curiosidade levou-me ao Museu Brenha. Fiquei surpreendido ao ver embalsamado um animal igual ao que vi quando mergulhei, que tinha um dístico: Lontra. Conteí ao padre Brenha o que me tinha acontecido. Riu-se e disse-me «andava ao peixe branco; foge e não faz mal a ninguém».

Cheguei a casa e contei à minha avosinha, já então ceguinha e impossibilitada de sair, e que vi no Museu e o que me disse o Padre.

- Deixa lá isso! Era coisa ruim e bem ruim! Sabes porque te não chego? Repara no teu peito; três sinais pretos em cruz! [...]

in *O Comércio da Póvoa de Varzim*, Ano 50, n.º 37 (12 Set. 1953), p. 1 e 4.



Loja «Bazar do Povo», na Praça do Almada, na qual Santos Graça trabalhou, ainda adolescente, como marçano do comércio de fazendas. Publicada no *Póvoa de Varzim Boletim Cultural* Vol. XXXVIII, (2003), p. 104.

Cronologia poveira

1882

16 de Janeiro – Nasce António dos Santos Graça, na casa nº 91 da Rua do Carvalhido (hoje Rua Elias Garcia). Filho de João dos Santos Constantino (1851-1906), pescador do bairro do Ramalhão e banheiro e de Maria Francisca (1854-1935), pescadeira.

Foi baptizado no dia 19 de Janeiro na Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e teve como padrinhos Dr. António Duarte Baptista Graça e Rita Moreira de Castro.

Cessa a publicação do semanário “Commercio da Póvoa”, Órgão do Partido Regenerador.

1884

13 de Novembro – Morre o Cego do Maio.

1890

15 de Março – É adjudicada a conclusão das obras do porto de abrigo.

1891

7 de Janeiro – Primeira feira franca do Concelho.

15 de Fevereiro – Alves da Veiga, chefe da Revolta do Porto, foge da Póvoa para Espanha.

Alargamento da Rua da Junqueira.

1892

27 de Fevereiro – 108 pescadores naufragam na barra da Póvoa.

Funda-se a Associação dos Bombeiros Voluntários.

1894

Aos 12 anos Santos Graça trabalha como marçano na loja «Bazar do Povo».

1895

Fundação da Loja Maçónica «Luz e Caridade».

1898

21 de Maio – Naufrágio do barco “Devoção de Santo António”, do arrais António Capelão, cuja história trágica é narrada na «Epopeia dos Humildes».

Nomeação do Dr. Caetano de Oliveira e do Pe. José de Amorim para Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal.

É adjudicada a empreitada de obras da Av. Mousinho de Albuquerque entre o pombal do Dr. David Alves e a Rua do Paulet.



fotografia de António dos Santos Graça, dirigida a Maria de Assumpção Leite e assinada A.S. Júnior (1898).
Espólio Santos Graça
(Biblioteca Municipal Rocha Peixoto)

